

Santa Barbara, 6 de Fevereiro de 1926.

Minha adorada Elvira!

Repito os votos que quotidianamente faço aos céus pela tua felicidade, bem como a de todos os mais de tua Bem. Família.

Nós passamos regularmente, a manhã ainda não voltou da Colônia e é por ella que espero noticias da Souza, que é quem inspira cuidado. Mais esta vai sem que a mais vá. Já noticia tua me chegou ás mãos a 27 dias, porém hoje tenho esperança, quicá quasi certa que receba alguma tua, e por mim bem que não aconteça o contrario, pois esta noite sonhei que estavas doente aqui em casa e que ainda não estavas boa e já querias ir-te embora, o que me deixava muito triste. Digo que sonhar que alguém está doente é perigo para esse alguém, mas a gente sempre fica apprehensivo. So amanhã remetterei esta que fica suspensa até a tarde. Até logo, pois, querida!

Bom-noite, Elvira! Cumprindo o prometido, venho a tua deshora continuar esta, que amanhã

se Deus quizer, ficará no Correio, quicá em  
tuas mãos com as outras que a muitos  
dias tenho escripto, e que já são umas tres,  
bastante extensas, que darão para um mas  
sido calhamaco. Nesta o que eu quero que  
fique bem friado, é que tenho sentido  
tanta pãndade de ti que ando quasi  
desesperado. Parece que esta nossa ausencia  
não tem fim! Mas sei para o que  
hei de apellar, tendo rogado, implorado,  
e supplicado com tanta humildade, ao  
céo, ao Deus e a toda a Suprema Corte, um  
remedio para esse meu mal, sem até  
agora ter obtido nada, que já ando  
com tencas de me dar a todos os dias  
e entregar em suas mãos a minha pau  
sa! A quanta tempo espero?! Deus  
tem sido padrosto comigo! Sem pa  
drasto e, padrosto de mãos ligadas...

Que mal temi eu comettido para  
soffer esse castigo de ver todos os meus  
sonhos levados a eito pelos tuos des  
contrariedades. Meu padrosto, friidade!  
Pasta de torturar-me! É tempo  
de alliviar a chibata do teu castigo.

Castigo?... que digo eu? castigo não! da  
tua judiaria!... Eu que sou humano  
não castigaria a ninguém assim,  
nem mesmo ao João Manuel Pereira,  
e tu que és Deus me fazes isso!...

E tu Elvira, estás sendo coivente  
de Deus nessa obra de suplicios? Não?  
Então porque não me escreves?

Por hoje basta!

Teu noivo sincero  
Audiçinho